

Alfajores cinéfilos

Ao fim de uma maratona de 13 dias, o Festival de Buenos Aires, o Bafici, consagra as novas vozes autorais da Argentina e joga holofotes sobre experimentos narrativos estrangeiros

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã



Após a goleada do Paraguai nos gramados cinéfilos portenhos, com a vitória de “Sob as Bandeiras, O Sol”, de Juanjo Pereira, no 26º Festival de Cinema de Buenos Aires, o evento, consagrado pelo nome de Bafici, encerra suas atividades apontando uma série de joias audiovisuais para a cinefilia da América do Sul. Algumas são prata da casa, ou seja, atrações da pátria natal de Ricardo Darín, como o divertido “El Banner”, com Marcelo Subiotto. Outras das pérolas da programação organizada sob a direção artística de Javier Porta Fouz vieram de terras distantes.

“Levados Pelas Marés”, do chinês Jia Zhangke, laureado com o Prêmio da Crítica na Mostra de São Paulo, foi um deles. “Estou no Bafici desde 2001, tendo passado por diversas funções, e vejo que o festival é um lugar onde cineastas querem estar, pelo prestígio que alcançamos, refletido na quantidade de inscrições que tiveram. Cerca de 3,9 mil filmes se inscreveram e entraram 300, de várias origens”, diz Porta Fouz ao Correio. “O cinema que temos na Argentina hoje é potente e tem muita variedade, apesar dos problemas políticos que temos”.

Exibido no Rio e em São Paulo no É Tudo Verdade, “Sob As Bandeiras, o Sol” (no original “Bajo Las Banderas, El Sol”) deixa o Bafici coroado por sua excelência de linguagem. É a produção paraguaia de maior êxito em maratonas cinéfilas estrangeiras depois da consagração de “As Herdeiras” (2018). Esse documentário é um mosaico de exuberante montagem. Sua estrutura formal é uma reação a recordações latinas de 1989,



Bajo las Banderas, El Sol

ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo esforçou-se para evitar esse destino.

Com base na premiação do Bafici e no burburinho das plateias do festival, o Correio preparou uma lista dos títulos que mais (e melhor) garantiram êxito à empreitada de Porta Fouz, no empenho de dar à Argentina de Javier Milei uma maratona de coragem.

LA VIRGEN DE LA TOSQUERA, de Laura Casabé (Argentina):

Num casamento preciso entre crítica social e dispositivos pop das cartilhas do terror, este thriller sobre o clamor do sexo na ado-

lescência foi laureado com o Grande Prêmio da competição nacional do Bafici. Na trama, Natalia, Mariela e Josefina são amigas inseparáveis, loucamente apaixonadas por Diego, um amigo de infância. No conturbado verão de 2001, em meio a crises econômicas em terras portenhas (e seus arredores), Silvia, uma moça já adulta, junta-se ao grupo e cativa o rapaz. Desolada, Natalia põe em prática heranças místicas de sua avó, envolvendo feitiços... e cães ferozes. O realizador Benjamín Naishtat (de “Vermelho Sol” e “Puan”) colaborou com Laura e escreveu o roteiro.

PAYING FOR IT, de Sook-Yin Lee (Canadá):

A genial atriz de “Shortbus” (2006) se estabelece como diretora, filme a filme, consagrando sua verve autoral com esta adaptação da graphic novel “Pagando Por Sexo”, de Chester Brown. Nos anos 1990, o próprio Chester (vivido por Dan Beirne) e Sonny (Emily Lê) vivem um na-

Divulgação



Paying For It

Guillermo Gaza/Divulgação



O Último Azul

Divulgação



Minha Mãe é uma Vaca

moro nas raias do casamento, assombrados pelo tédio. Quando ela decide redefinir a vida, com a proposta de um relacionamento aberto (onde pode transar com os homens que deseja), ele passa a sair com profissionais do sexo e descobre uma nova (e picante) forma de intimidade. Sook-Yin dirige com elegância uma história sobre amor, sexo e não-monogamia que discute a prostituição com lirismo.

TODAS LAS FUERZAS, de Luciana Piantanida (Argentina/Peru):

Um componente de fantasia dá um colorido inusitado a esta trama de mistério salpicada de discussões de classe. A tensa montagem de Lorena Moriconi torna eletrizante a investigação conduzida pela cuidadora Marlene (Celia Santos) num contexto social de pobreza. Ela mora na casa da idosa de quem cuida. Quando sua amiga desaparece, Marlene foge à noite para investigar seu paradeiro. Pistas a levam a um